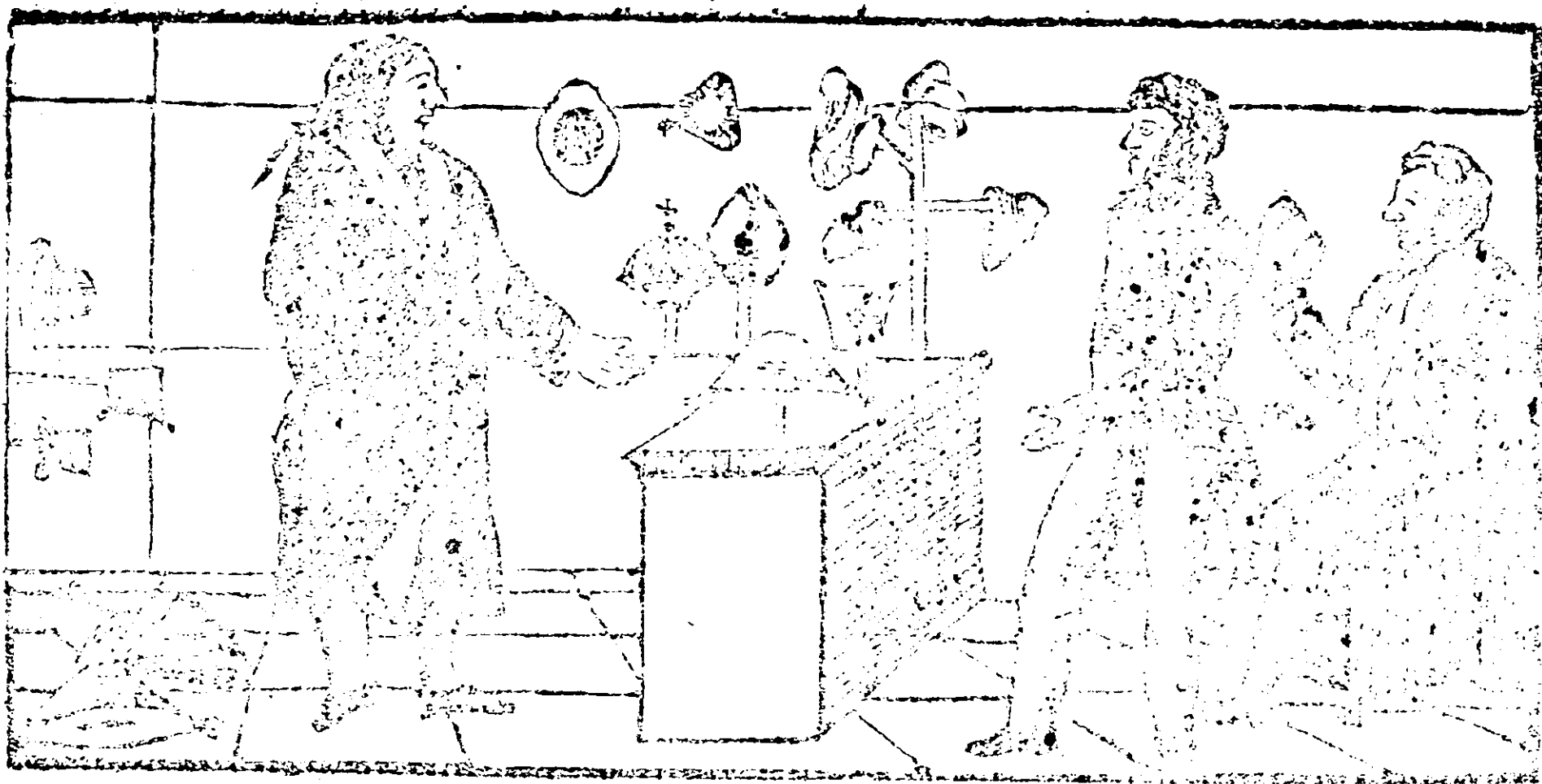


O  
CARAPUCEIRO

15 DE NOVEMBRO  
DE 1837



# O CARAPUCEIRO.

PERIÓDICO SEMPRE MORAL, E SO'PER ACCIDENS POLITICO.

*Hunc servare modum nostri novere libelli  
Parcere personis, dicere de vitiis.  
Marcial Liv. 10. Epist. 33.*

Guardarei nesta folha as regras boas  
Que he dos vicios fallar, não das pessoas.

## A Theophobia.

He geralmente conhecida essa terrivel enfermidade, que accomette principalmente aos cães, e que os Gregos chamavão *Hydrophobia*, que quer dizer — Aversão á agua --, por que com effeito as victimas desse mal horrivel não podem beber. Por analogia tambem poderemos chamar *Theophobia* á a versão a Deos, e a tudo, que lhe diz respeito. A Philosophia do Seculo passado, que a olhos da posteridade ha de formar huma das epochas mais vergonhosas do espirito humano, tinha por objecto principal, e talvez unico o separar o homem de toda a relação com a Divindade; e certamente bem considerada essa Philosophia energumena não era outra coisa mais do que um rigoroso systema de Atheismo pratico. Poucos ousavão dizer ás claras " não há Deos; por que tal asserção poderia acarretar alguns inconvenientes fizicos; mas dizia-se a cada passo " *Nisso não há Deos* " Não o há em vossas ideias; por que essas todas vem dos sentidos: não o há em vossos

pensamentos; por que estes não são, se não *sensações transformadas*: não o ha nos flagellos, que vos affligem; por que estes são fenomenos fizicos, como outros muitos, que se explicão pelas leis conhecidas. Elle não pensa em vós; por que nada há, que fosse feito para vós em particular; pois que o mundo tanto he vosso, como do mais vil insecto: tambem se não vinga de vós; por que sois; demasiadamente pequenos, para que se ocupe de creaturas tão insignificantes: não se offende das vossas faltas; por que elle he infinito, e vós extremamente limitados, &c. &c.

He inegavel, que o nosso Brazil anda atrazado hum seculo a respeito da Europa; e por isso pode-se dizer, que estamos ainda no Seculo 18. He a Philosophia eminentemente materialista, e Atheista, que prevalece no Brazil, e os livros de mais voga, e mais estimados são Raynal, Dupuy, Rousseau, Voltaire, Diderot, Condorcet, Helvecio, o infamissimo Barão d'Holbac, e acima de todos o grande Atheo, e materialista, o celebre Jeremias Bentham, que he o

*Vade-mecum* da mór parte da nossa mocidade.

Cá os nossos Philosophantes não se atrevem a negar ás escancaras a existencia de Deos; porém tal aversão tem a essa idéa, que a põe em parallelo com os doentes, e outros prejuizos só proprios da gente indouta, e da canicalha supersticiosa. Por muito favor, e urbanidade concedem alguns, que exista esse Ente Creator de tudo; mas no seu *sabio* pensar he hum Deos de Epicuro, que em nada se embarça com o que vai por este mundo. A seus olhos tanto lhe merece o homem de bem, como o vicioso, tão indifferente lhe he o justo, como o salteador, e assassino; por que se os crimes não são punidos neste mundo, pequice he crer, que serão rigorosamente castigados no outro; pois que a existencia dess'outro mundo he para elles hum sonho, inventado por Padres, e Frades fanáticos, ou impostores, pelo que facil he concluir, que era Franciscano, Carmelita, &c. todo o Paganismo, todo o Universo, que sempre crê nos castigos da vida futura; e talvez fosse Jesuita o Cantor de Mantua, quando no Liv. 6.º da sua immortal Eneida dizia.

*" Sedet, æternumque sedebit infelix Theseus &c.*

Alguns há, cujo Philosophismo he ainda mais insolente, a meu ver; e são aquelles que admittindo a existencia de huma vida futura, seguem, que, como Deos a ninguem creou para ser infeliz, perderá a todos indistinctamente, e assim admittirá a Bemaventurança tanto o homem honrado, como o ladrão tanto o cidadão pacifico, e honesto, como o peitubador do publico socego, assim a virgem pudibunda, e innocente, como a depravada prostituta. Que bella, que agradavel Moral! Para a detestar não he mister reccorrer á Revelação, e a os principios da Theologia, basta consultar o senso commum.

Fallei em Theologia? Desafiei, a

*Theophobia* dos nossos Philosophantes. *Theologia!* Sciencia de Deos! Sciencia que ensina as verdades relevadas! Isso he objecto inexgotavel dos sarcasmos, dos motejos, dos maiores desprezos dos nossos *bons* pensadores, das nossas cabeças positivas. Que respeito sacrosancto, que se tem á Chimica com toda a sua nomenclatura embrulhada, e todos os dias variada! Que veneração profunda se consagra á Medicina, cujos sistemas apparecem, e desapparecem, como bonecos de Camara optica, e a gente a morrer, como sempre morreo! Que encomios hyperbolicos á Sciencias, das Sciencias a chave mestra dos Estados, a pedra filosofal da prosperidade publica, a divinal *Ecconomia* Politica; e o póvo a gemer com fome, e com tributos! A Sciencia Financeira, a Jurisprudencia para embrulhar tudo com demandas eternas, Politicas, e Peloticas para rebelar os Povos, Novellas, Contos licenciosos para chegarem ainda mais estimulos ás paixões; eis os estudos da moda, e do bom tom: *Theologia!* Isso he huma impostura, ou faculdade só propria para Padres estupidos, e cabeças entupidas de prejuizos; e tracta-se a hum Theologo com o mesmo riso de desprezo, que a hum Alchimista, a hum Magico, &c. &c.; e o que he isto, se não raiva canina contra Deos, isto he; a terrivel molestia da *Theophobia*?

Alguns dos nossos *bons e profundos* pensadores, que adquirirão carradas de saber nas academias dos botequins, e nas Universidade do charuto, e mais do peuche, que Peripateticos de nova estofa tornão-se sabios passeando, e namorando com sua correntinha de candieiro pendente d'algibeira do colete, &c., admittem hum Deos *p. o formula*. mas observando os males, que elles me fazem, e outros muitos, que se virem pelo mundo, tem a insolencia de accusarem d'injusto Hum Deos inj. Mas facil seria conceber hum quadrado. Que coisa he injustiça?

guntarei humildemente a esses doctores.) *injustiça* não pode ser outra cousa senão a violação de huma lei: e o q' he *Lei*, senão a vontade de hum Legislador manifesta a seus subditos para lhes servir de regra de proceder? Se estas definições são inegavelmente exactas; muito comprehendo, que huma lei humana pôde ser injusta, que vem a ser todas as vezes que viola a lei Divina, ou revelada, ou innata: mas se Deos he o Legislador Supremo, e unico da natureza; como se pode comprehender injustiça em Deos a respeito do homem? Haverá por ventura a cima de Deos algum Legislador commum, que lhe prescreva o modo por que se deve portar para com as suas creaturas? E qual será o juiz entre Deos, e o homem? Se o Theista crê, que a ideia de Deos não comprehende a de huma justiça semelhante a nossa; não sabe o que diz, quando se queixa; e se pelo contrario acredita, que Deos he justo, segundo as nossas ideias, queixando-se das injustiças, que observa no estado, em que estamos, admite sem advertir huma contradição monstruosa, isto he; *a injustiça de hum Deos justo*. — Tal ordem de cousas he injusta? Logo não pode ter lugar sob o imperio de hum Deos justo -- Este argumento não passa de hum erro na locca do Atheo; mas na do Theista he hum absurdo; por que admittido hum Deos, e sendo a sua justiça hum attributo necessario da Divindade, não pode o Theista voltar atraz sem louquear; e deve portanto dizer -- Se tal ordem de cousas tem lugar sob o imperio de hum Deos essencialmente justo, segue-se, que essa ordem de cousas he justa por motivos, que ignoramos --; explicando desta arte a ordem das cousas pelos attributos em vez de accusar loucamente os attributos pela ordem das cousas.

Donde, se não da Theophobia, pode provir a mimosa doutrina do *interesse*, como principio unico de todas as acções humans? E as vantagens sociaes só são

hem entendidas dos nossos Philosophos Epicuristas, e *Theophobicos*. Sim, só estes com a sua perspicacia veem, e comprehendem, que os vicios dos particulares contribuem para o bem publico, observação *guapissima*, feita pelo celebre Mandeville, Philosophante de patente, o qual no seu *precioso* livro intitulado *Fabula das Abelhas* sustenta, como profundo Economista, que a bebedice, por ex. he hum manancial de grossas rendas para o publico, e tambem util aos particularas, se attendermos a os tauceiros, taverneiros, vinhateiros, estiladores, lavradores, mascadores, contribuintes, &c., q' todos ganhão na rãção do maior numero de berrachos: até os mesmos roubos pelas estradas são de proveito a muitos; (*apoiado*) por q' a acção com que se despoja a hum homem rico, contribue para a sustentação de muitos pobres, do trabalho dos quaes necessita aquelle: d'onde bem e devidamente se deve concluir, que Deos de nada serve cá para os nossos arranjos; que isso, que se chama acção virtuosa, ou viciosa, util, ou nociva à Sociedade, não he mais, do que hum significado de cousas relativas aos climas, vario, indefinido, e que pode mudar-se nos diversos paizes, como se mudão os vestidos nas differentes estações ou como varião as modas, que nos vem de Londres, ou de Pariz, visto que fazer bem, ou mal aos nossos semelhantes depende, inteiramente da atracção ou repulsão, que experimentamos para com elles, e que se augmentão, ou diminuem na rãção inversa do quadrado das distancias, de maneira que o ser virtuoso ( como *linda, e judiciosamente* se explica o *sabio* Auctor do *Systema da Natureza* ) não requer outra cousa mais, que o ter o polo Boreal do cerebro voltado para o polo Austral dos objectos da virtude. Que Methaphisica sublime!

Esse odio, essa aversão, esse rancor, que se observa quasi geralmente contra os Padres, esse desprezo accintoso de tu-



do quanto pertence á Religião, e a Igreja, desprezo, que ressumbra até em algumas das nossas Leis modernas, que outra origem podem ter, se não a *Theophobia*? Os nossos grandes *Mestres* de Moral da moda assim nos tem doutrinado. D'aqui ( diz-nos o *Militar Philosopho* ) A Religião não he mais que huma mascara, com que se cobre o hypocrita para mais astuciosamente illudir aquelles, cuja credulidade lhes pode ser proveitosa " D'ali o furioso Barão d'Holbac no Seu *Systema Social* decide d'estato, que as pregações dos Padres não tem por objecto se não o perverter o genero humano " de maneira que a cathequização da Grã Bretanha devida aos Benedictinos, a conquista espirital do Japão feita pela missão de S. Francisco Xavier, o Paraguay todo convertido, civilisado, e admiravelmente moralisado pelos Jesuitas, o mundo inteiro, proscrevendo as loucuras da Idolatria, e abraçando a sancta Moral do Evangelho, tudo pela pregação, e esforços dos Ministros de J. C., são monumentos irrefragaveis de quanto os Padres tem pervertido o genero humano!!! Que maiores corruptores, que os Apostolos? E quaes são os fanaes da boa moral, os benefeitores da especie humana? São sem duvida o Sr. Barão d'Holbac, que trabalha por destruir a noção da existencia de Deos; hum Diderot, hum Dupuy, hum Volney, hum Bolanger, hum Helvecio, hum J. J. Rousseau, o moquenco Voltaire, e toda a mais caterva Philosophante!!! D'acólá o misantropo auctor do Emilio, que pretende " que a Revelação não nos ensina, se não absurdos, e cousas desarrazoadas, e só nos inspira sentimentos d'avversão a os nossos semelhantes, e de horror a nós mesmos " &c. &c.

Quando entre os nossos Maiores não lavrava a melestia da *Theophobia*, todos se regozijavão, e honravão muito de proferir a cada passo o Sacrosanto Nome de Deos; e consta, que Newton, que sabia mais alguma coisinha, do que os nossos *Jovens* pintalegrêtes, e loureiros, não pronunciava a palavra *Deos* sem huma profunda reverencia. No tempo dos nossos bons velhos; quando alguém espirrava, accodia logo outro com o seu mui sonoro, e expedito *Dominus tecum*: mas hoje quem há hi, que tal diga, e não ser alguma patêta, e homem montezinho? Hoje a quem espirra saúda-se dizendo hum mui polido -- *Viva* --; por que Deos he cousa, que cahio em desuso, e até he grossaria o fallar nelle. Antigamente quem comia sem dar por fim graças a Deos,

auctor da vida, e de todos os bens? Agora pelo contrario até seria vergonhoso o fazer tal acto; por que as luzes do seculo tem mostrado, ou que não existe esse Ente, ou se existe, tanto se importa com o mundo, como nós com o governo do Monomotapa.

Nas sobrescriptas das Cartas era indispensavel o *Guarde Deos muitos annos*; mas presentemente a *Theophobia* tem prescripto esta usança, que bem longe de ter nada de má, era hum testemunho de Religiosidade, e de saudavel convicção de que todos os bens ainda temporaes dimanão da mão benefica, e dadivosa d'Aquelle que tudo tirou do nada, de quem depende a nossa conservação. Nesses antigos dourados tempos Principes, Duques, Marquezes, homens da primeira consideração, e gerarquia muito se honravão de ajudar a Missa: mas nos nossos dias que Padre terá a imprudencia, e desedecio de convidar qual quer *Joven* por mais ignobil, que seja, a que lhe ajude a Missa? Ajudar a Missa hum *Joven* do seculo 19! Isso he hum descredito publico; e o Padrecas, que se arrojasse a propor tal acção a hum desses alindados, arriscar-se-ia a levar pelo menos huma tremenda dissimulada descompostura; de sorte que hoje ajudar Missa só se tollera em algum preto velho; e em se acabando o resto, que há da gente do Credo antigo, talvez custe muito a haver Missa por falta de Acolytos! E o que he tudo isto, se não muita, e muita *Theophobia*? Esta enfermidade terrivel de dia em dia mais se propaga, e vai-se tornando contagiosa; e d'aqui o manancial fecundo da nossa immoralidade. Sem o temor de Deos não há Legislação, que vingue, não há nada, que medre na ordem Social: Tudo quer ser Philosopho: mas quem quizer infermar-se do que tem sido em todos os tempos essa boa gente, lêa o que delles disserão o mui judicioso Quintiliano, e o sapientissimo M. Tulio Cicero. O primeiro diz " *Quotus quisque Philosophorum invenitur, qui sine ita moratus, ita animo ac vita constitutus, ut civis postulat? ... Videre licet alios pecunie cupidos, glorie nonnullos, multos libidinum servos*: onde se achará, e qual será o Philosopho tão homem de bem, que se não aparte dos dictames da razão? O que se encontra he, que huns são cubicosos de dinheiro, alguns de gloria, e muitos escravos das suas paixões. O Segundo prega-lhes nas bochechas " que debaixo do nome de Philosophos esconde-se as mais nefandas torpezas " Care-se a *Theophobia*; que só assim seremos felizes,

Pern: na Typ. de M. F. de Farias. 1337.

! MUTILADO !